

Pedestres não têm vez

Raphael Veleda

Calçadas, segundo o dicionário, são caminhos pavimentados destinados à circulação de pedestres. Mas alguns comerciantes do DF subvertem esse significado e usam a área pública como extensão de suas lojas, prejudicando a circulação e até fazendo com que as pessoas tenham de usar a rua para se locomover. O Jornal de Brasília percorreu a W3 Norte e os centros de Taguatinga e Ceilândia e encontrou numerosos exemplos desse tipo de abuso.

Na Asa Norte, o principal problema eram as concessionárias, que espalhavam carros em grandes espaços nas quadras. "Mas o GDF gastou muito dinheiro pra levar todas elas para a Cidade do Automóvel, por isso é inadmissível que carros atrapalhem a circulação nas calçadas da W3", garantiu o administrador interino de Brasília, Décio Bartolomeu. As concessionárias realmente saíram de lá, mas há diversas lojas de acessórios automotivos que congestionam a passagem de pedestres no local.

Júlio Massaneio, gerente de um desses estabelecimentos na 713 Norte, diz que a situação não rotineira na loja em que ele trabalha. "Como o Detran mudou a lei sobre o engate do reboque, todos estes carros estão vindo

aqui desinstalar o equipamento. É por isso que eles estão na calçada. Normalmente conseguimos manter os carros dos clientes dentro da loja", justifica. "Mas é costume das lojas do ramo aqui na W3 fazerem isso", admite ele. E se não há mais tantos carros nas calçadas da avenida, o mesmo não pode ser dito das motos. Alguns estabelecimentos conservam e vendem esses veículos e espalham dezenas deles nas calçadas da W3.

■ Restaurantes

Outro tipo de estabelecimento que ocupa a área destinada à passagem são os restaurantes. O proprietário de um deles, também na quadra 713, que não quis se identificar, chega a colocar tapumes embaixo da marquise para cercar as mesas (que ficam na área externa). Ele explicou que só faz isso no período do almoço.

O dono de uma loja de móveis, que ocupa toda a calçada com mercadorias, reclama que a loja é pequena, que o aluguel é caro e que sem expor os móveis do lado de fora ele não teria condições de manter os seis funcionários contratados. Ele, que também preferiu não dar o nome, disse ainda que paga aos fiscais para se manter no espaço externo que ocupa. Bartolomeu garantiu que acionará os fiscais responsáveis.



■ EM CEILÂNDIA, CALÇADA VIROU EXTENSÃO DA LOJA DE ROUPAS E SAPATOS. ALÉM DOS PRODUTOS, TEM ATÉ UM BALCÃO EM ÁREA PÚBLICA

FOTOS: JOSEMAR GONÇALVES